

DEBATE

O Brasil de pés descalços e braços nus

Doses de esperança são indicadas para superar crise no País

Sandra Aguiar

Desde que o Brasil deixou de ser dos índios para ser dos aventureiros, muita coisa mudou nas terras onde Cabral pôs as botas, assim meio por acaso. Entretanto, não se deve culpar o navegador português por aquela que talvez tenha sido a primeira de uma série de crises que se tornaram produto tipo exportação do País: a de identidade.

O poeta gaúcho Mário Quintana diz que o Brasil só enfrenta crises. Mas recusa-se a avaliá-las, por "falta de competência". Poeta, afinal, também tem seu "astral", e a poesia funciona como uma espécie de termômetro do sentimento do mundo, ora em alta, ora em baixa.

Se o Brasil pode ser resumido num sentimento, este é o pessimismo. A maior autoridade na economia do País, Marçilio Marques Moreira, já admitiu que estamos no "fundo do poço". O presidente Collor de Mello chegou até mesmo a apelar ao Papa João Paulo II que desse uma mensagem de esperança à Nação, entre atônita e medrosa, para elevar o seu "astral". Intelectuais e políticos compararam o Brasil de hoje à Alemanha antes da guerra, aquela que Bergman retratou em *O Ovo da Serpente*: caótica, sem identidade e perspectiva.

Numa tentativa de radiografar a crise brasileira, que afeta a economia, a política, a Igreja, a cultura, o futebol, civis e militares, personalidades da nossa sociedade debatem o rumo desta nau dos insensatos. E que, passado quase meio século da colonização continua nave errante, mas que, na opinião da grande maioria dos entrevistados, ainda pode dar certo. Não depende de um navegador, e sim dos navegantes que não querem naufragar.

Sandra Cavalcanti

"Faço parte da velha UDN, chamada de moralista. Acho que o Brasil está vivendo uma grande crise moral, a mesma que assola o mundo. As pessoas não têm hierarquia de valores, o Governo não tem e o povo também não tem. Na hora de escolher seus candidatos vai atrás da demagogia. O povo reclama, mas não exige. Mesmo assim a esperança a gente nunca deixa morrer, porque as pessoas estão chegando à conclusão de que é preciso ter valores morais para poder ter esperança."

Difícil avaliar se esta é a pior crise, mas aquela que a gente está vivendo sempre parece a pior. O terrível é constatar que o Brasil não devia estar nesse nível de miséria. O que torna esta crise insuportável é que ela é revoltante.

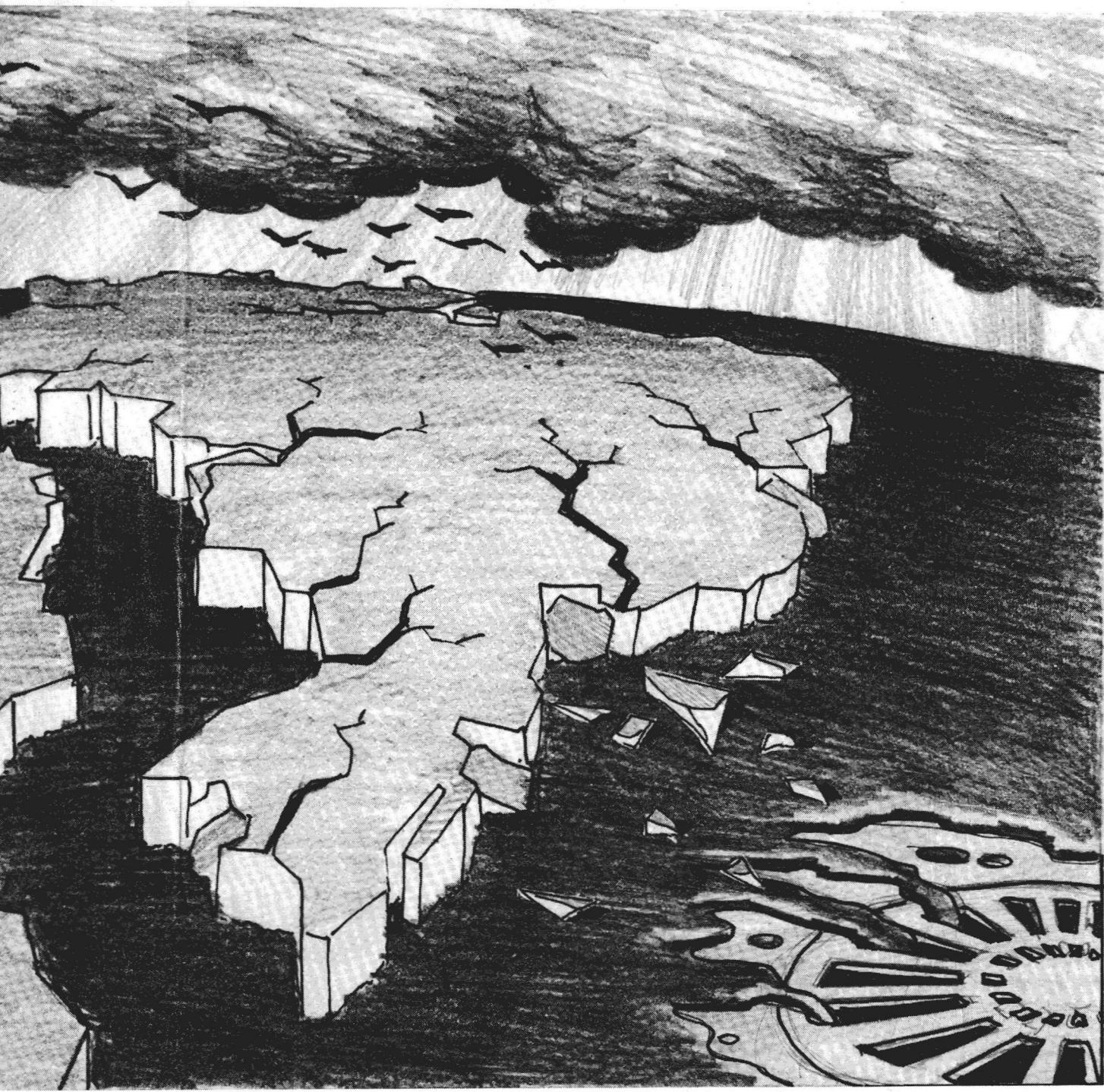
Tem sentido comparar a nossa crise com que a Alemanha viveu antes da guerra, ou a que a Iugoslávia teve, a crise da URSS, da França, porque viveram grandes crises. Mas há pelo menos nesses países a visão de que o que eles tiveram foi uma guerra. E aqui não foi. Então, aqui foi uma praga de gafanhotos?"

Roberto Freire

"O povo brasileiro vem enfrentando, ao longo da história, sucessivas crises econômicas, políticas, sociais, ideológicas, conjurais, estruturais. Brasileiros vão embora, em busca de outras alternativas de vida... Brasileiros ficam, também em busca de soluções. Mudam-se governo e governantes. Planos de tentativas de estabilização são implementados. A luta-de-mel entre povo e governantes dura pouco. Novas crises, desencontros, desenganos, engodos. Parece que hoje a opinião generalizada é de que este País não tem saída, não tem jeito, é inviável. Haverá um futuro melhor para nossos filhos e netos?"

Por isso, é justamente agora, quando este processo de crises sucessivas se agudizou e se tornou praticamente insuportável que a sociedade pôde encontrar seu caminho e as saídas para a crise. É justamente agora, quando a democracia no Brasil tem chances reais de ser consolidada, na perspectiva de seu valor universal, que a sociedade precisa rever com profundidade atitudes, valores e hábitos que têm sido, naturalmente, os principais geradores de crises. Não é nenhuma novidade a afirmação de que temos uma cultura política e social autoritária. A primeira saída, portanto, é começar a eliminar vícios autoritários do cotidiano, para que a democratização da sociedade saia do discurso e seja uma prática efetiva.

O primeiro sinal positivo para a conquis-



Sandra Cavalcanti
(Deputada do PFL-RJ)

Roberto Freire (Deputado do PCB-PE)

Dom Antonio Celso Queiroz (Secretário geral da CNBB)

José Genoíno
(Deputado do PT-SP)

Benedita da Silva
(Deputada do PT-RJ)

Jair Bolsonaro (Deputado do PDC-RJ, capitão da reserva do Exército)

Cristóvam Buarque
(Professor de Economia e ex-reitor da UnB)

ta de mudanças, ou de saídas, é a capacidade de demonstrar indignação, o que não significa agir com violência. Violência gera violência, não leva a lugar algum e deteriora as relações sociais. Demonstrar indignação é tentar descobrir e definir direitos, mas também encarar de frente e sentir responsável pela realidade do País. É buscar um instrumento de ação social organizado para uma participação mais efetiva. É exigir o cumprimento da Constituição e das leis. Demonstrar indignação é, enfim, ficar aqui, e redescobrir a esperança. Defender o que é público e o direito elementar de qualquer ser humano que é o direito de ser feliz. É ficar aqui, resgatando a profissão do brasileiro que é a esperança".

Dom Antonio Celso Queiroz

"A Igreja olha para a situação nacional de um duplo ângulo. De um lado, temos as dificuldades antigas não resolvidas através dos anos, o que nós resumiríamos com a palavra dívida social. Essa dívida do País com a sociedade se traduz nesses indicadores que colocam o Brasil junto aos países mais miseráveis do mundo. A crise é agravada com a incapacidade de enfrentá-la pelos sucessivos governos. Mesmo nos tempos em que o País ia bem, essa dívida não foi resolvida, o que significa que ela não depende da situação econômica."

O outro ângulo, pelo qual enxergamos a crise é moral. Num quadro desses de pobreza, desemprego, delinquência, a Igreja se preocupa com a deterioração dos padrões éticos, porque acaba provocando tumultos, invasões, desrespeitos à vida de menores e adolescentes, linchamentos, deterioração de critérios éticos na condução da coisa pública, ou seja, corrupção. Também há a incapacidade da Justiça se situar diante disso tudo. Há uma impunidade terrible. E só há esperança porque a grande riqueza do Brasil é o povo brasileiro. É um

patrimônio de bondade mesmo diante da miséria. Valores como bondade, justiça e fraternidade estão aí, mesmo com a crise. O Brasil passa por grandes dificuldades, mas há características de um povo para uma nova sociedade. Temos esperança dessa crise provocar o nascimento de uma sociedade justa e solidária."

José Genoíno

"A crise do Brasil é uma crise de perspectivas, que busca novos rumos para o País, em todos os sentidos. Quem quer a transformação da sociedade brasileira terá que reformar as suas propostas como condição para criar uma nova esperança. É uma crise diferente das outras. Faz parte de uma crise geral da humanidade. É claro que esta crise é agravada porque temos um governo que frustrou a população e governa o Brasil de maneira aventureira, inconsciente e unipessoal."

É uma crise de pós-guerra sem ter tido uma guerra. Para sairmos dela é preciso algumas respostas sociais de emergência, uma nova relação do Brasil com o mundo, excluindo a submissão aos Estados Unidos, e dando preferência para a Europa e Japão. Em terceiro lugar, acredito que é preciso realizar reformas políticas e culturais, de forma a mudar também nossos costumes políticos. Porque, na minha opinião, a crise do Brasil é uma crise moral também".

Benedita da Silva

"Eu acredito que estamos numa crise profunda, escamoteada pelo presidente com seu *mis-en-scene*, com todo um jogo de *marketing*. Resta ter tranquilidade política que garanta o crescimento econômico do País, e também condições sociais compatíveis com esse crescimento. Por isso, é

preciso ter o mínimo de esperança para salvar o País, não com medidas demagógicas. Afinal, o mundo não é só dos corruptos. Está na hora de as pessoas de bem tomarem a ré diante das coisas. Alguns setores da sociedade estão tomando medidas no sentido de resgatar a credibilidade que falta nesse momento, como a Prefeitura de São Paulo, na figura da prefeita Luiza Erundina, a CPI de Menores, enfim, existem pessoas

que podem resgatar essa credibilidade.

O pior já está acontecendo. Não existe pior do que isso. O Brasil está assumindo sua africanidade, não no sentido cultural, mas do ponto de vista da miséria. Resgata essa parte pobre que o povo africano tem vivido. Há extermínio de menores, desemprego, fome, esterilização em massa. Estamos numa guerra. E, por isso mesmo é preciso lutar e tentar ganhar esta guerra".

Jair Bolsonaro

"No Brasil só existe uma crise, a de líderes, tanto civis como militares. Seria enfadonho descrever quais os órgãos deste corpo que estão doentes. O Brasil está no CTI e não existe solução para o País a curto prazo. Se fala hoje numa campanha de desmoralização das Forças Armadas. Não existe, a meu ver, campanha orquestrada nesse sentido. A exemplo da contenção da explosão demográfica, as Forças Armadas devem não só conter, como diminuir seu atual efetivo. Hoje em dia o militar é mal remunerado, não ministra e também não recebe uma instrução militar adequada, em virtude de um orçamento diminuto.

A Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx) em Campinas, São Paulo, está oferecendo este ano 700 vagas para o concurso. Estes alunos daqui a cinco anos serão declarados aspirantes oficiais. Fazendo uma projeção para o ano 2.015 nos

deparamos com um efetivo de aproximadamente dez mil homens, só entre coronéis e tenentes da ativa nas Forças Armadas.

Logicamente, como a tendência dos recursos é de estabilidade e o efetivo aumentar, teremos uma força armada proletariana e despreparada, consequentemente, desmobilizada pelo fato de não estar apta a cumprir com os seus deveres. O imediatismo parece ser a prioridade em nosso País. São raros os que pensam num futuro distante. Temos que deixar o xadrez, sob a pena de também a curto prazo nos transformarmos no galinheiro do mundo, já que quintal, infelizmente, na atualidade já somos".

Cristóvam Buarque

"A crise apresenta a grande chance da sociedade perceber o equívoco do crescimento utilizado nas últimas décadas, e reorientar o seu destino para um novo tipo de modernidade. A crise tem uma lógica: a tentativa de repetir em um País com renda per capita de dois mil dólares anuais, o nível de consumo de sociedades com rendas de 20 mil dólares anuais. E o abandono das prioridades sociais, especialmente a educação, e do recurso mais abundante que nós temos, que é a terra para agricultura.

A crise reapresenta grande chance, porque pela primeira vez ela chega forte às elites, e resiste aos remédios tradicionais, demonstrando a necessidade de uma alternativa mais radical. Há duas alternativas: manter os mesmos objetivos de antes, com um sistema de apartação social, um regime autoritário, concentrando os benefícios apenas para os ricos; ou implantar uma economia subordinada aos objetivos de bem-estar social, ajustada a nossos recursos, e olhando o futuro de uma economia sólida".